

O SAGRADO FEMININO: HISTÓRIAS DE LUTA E LUTO

Gigliola Marcos Bernardo de Lima³³
Izayana Pereira Feitosa³⁴
Janaína Von Söhsten Trigueiro³⁵
Monise Gleyce de Araújo Pontes³⁶

RESUMO

Durante os últimos séculos, a mulher tem lutado pelo seu direito de igualdade. Toda luta em busca de seu espaço na sociedade marca a visão da figura da mulher na evolução histórica, o que se tornou impactante e ocasionou os avanços atuais. Objetivou-se investigar a evolução feminina, através de seu perfil histórico, considerando três gerações diferentes, bem descrevendo a sua inserção e reconhecimento como cidadã digna de respeito e relevo social. Ancora-se metodologicamente como uma pesquisa do tipo revisão bibliográfica, para isso, foram selecionados artigos e outras produções científicas (dissertações e teses) no banco de dados eletrônicos da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), SciELO e Lilacs, utilizando-se os seguintes descritores: gênero, mulher, feminismo e direitos das mulheres, presentes em estudos tendo como eixo condutor a análise da trajetória feminina e sua função em diferentes períodos e segmentos sociais. Nos resultados e discussões, identificamos o objeto de estudo como: “Mulheres do século XX: Breve resgate histórico” em três amostras: A mulher da primeira geração (década de 20 a 40); A Mulher da Segunda Geração (década de 50 a 70) e A Mulher da Terceira Geração (década de 80 a 2000), relatando sobre sua posição no contexto familiar, a forma de educação lhes direcionada, os relacionamentos, o trabalho e as transformações das políticas reprodutivas e sexuais que foram essenciais para que ela passasse a ser vista e tratada sob um novo olhar, referenciando também o pensamento de estudiosos sobre a mulher, seu papel e influências em seu meio, o movimento feminista e a luta pela conquista de seus direitos. Assim, consideramos que a ligação entre as características na construção da identidade feminina pertencentes a gerações distintas permitiu relacionar perfis que vão do comum ao extremamente incomum, mesmo ainda existindo muita disparidade entre gêneros, após essa pesquisa, perceberam-se importantes avanços acerca desta discussão.

Palavras-chave: Direitos da Mulher. Relações de gênero. Feminismo. Relação entre gerações.

³³ Doutora em Saúde Pública. Mestre em Saúde Pública. Obstetiz. Docente do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cuité.

³⁴ Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba, Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Professora da Universidade Federal de Campina Grande (Centro de Educação e Saúde) e Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Desenvolvimento Sócio-Moral da UFPB.

³⁵ Fonoaudióloga e Enfermeira. Mestre em Enfermagem na Atenção à saúde pela Universidade Federal da Paraíba. Docente do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cuité.

³⁶ Enfermeira pela Universidade Federal de Campina Grande. Pós-graduanda em Avaliação em Serviços de Saúde pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – UFCSPA. Endereço: Rua José Hinaldo Bezerra, nº 210, Bairro M^a Faustino- Nova Floresta -Paraíba. Tel.: (83) 9630. 1771. E-mail: monise_gleyce@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A definição dos papéis exercidos pelo homem e pela mulher está presente no cotidiano desde os primórdios da história, à medida que a sociedade evolui, transformam-se também as normas e os valores impostos aos gêneros.

A visão feminina sobre seus direitos começou a mudar no final do século XVIII, sob a influência da Revolução Francesa. As conquistas do direito à educação e ao voto refletiram a uma nova condição da mulher na sociedade, originando os movimentos feministas nos anos 60 e 70, que tinham como palavra de ordem “Nosso corpo nos pertence”, fazendo uma alusão à mulher como proprietária de seu ser.¹

Durante os dois últimos séculos, a mulher tem lutado pelo seu direito de igualdade. Dentre as reivindicações destacam-se: o direito ao trabalho, à instrução, ao divórcio e, sobretudo, ao exercício da cidadania, isto é, como cidadãs plenamente reconhecidas.²

Afirma-se que toda luta em busca de seu espaço na sociedade marca a visão da figura da mulher na evolução histórica, o que se tornou impactante e ocasionou os avanços atuais.³ No entanto, cabe destacar que, durante muitos anos, o Brasil se manteve imparcial quanto aos direitos sexuais e reprodutivos da mulher, gerando discussões com ampla participação da população feminina.

Contudo, observou-se que, para as mulheres da classe popular, o movimento feminista representou a melhoria da qualidade de vida, enquanto que para as da classe média este expressava a ideologia de uma política com conteúdo feminista, embora as duas classes sempre estivessem unificadas para lutar por um propósito comum.¹

As argumentações foram

fundamentais para a formação de alianças que apoiavam o controle populacional. Baseado nesse contexto, o movimento passou a defender que o acesso gratuito dos métodos contraceptivos era essencial para a validação da cidadania feminina, implicando, assim, nas primeiras decisões governamentais para a adoção de medidas oficiais.⁴

Além disso, outro espaço de enfrentamento na trajetória de luta defendida pelas mulheres foi a interferência da Igreja Católica. Ao mesmo tempo em que a Igreja defende a implantação de políticas que visem à melhoria da qualidade de vida da população feminina, não permite que estas propostas defrontem com suas doutrinas.

Tais dilemas só puderam ser definidos graças à união de feministas, ginecologistas e pesquisadores da área de reprodução humana, assim como a adesão de mulheres inseridas no campo profissional da saúde, dos níveis de assistência social e unidades acadêmicas que se tornavam cada vez mais frequentes nessa luta.⁴

Desta forma, o presente estudo buscou agregar conhecimento acerca do tema levantado, tendo como objetivos investigar a evolução feminina através do perfil histórico da mulher, considerando três gerações distintas delineadas evolutivamente, bem como dar importância a sua inserção e seu reconhecimento como cidadã digna de respeito e relevo social.

METODOLOGIA

A metodologia escolhida para o desenvolvimento deste trabalho se distingue como uma pesquisa de caráter exploratório-descritivo com abordagem qualitativa, construído a partir da pesquisa bibliográfica. As referências teóricas foram extraídas a

partir de materiais já elaborados presentes em artigos científicos, livros, dissertações e teses.⁵

Para o levantamento bibliográfico, foram pesquisados artigos na língua portuguesa, em bancos de dados eletrônicos da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), SCIELO e Lilacs, para isso, foram utilizados os descritores: gênero, mulher, feminismo e direito das mulheres.

Ao todo foram encontrados 31 artigos, dos quais 22 foram selecionados com fontes bibliográficas de 1970 a 2011, que serviram de embasamento nesta revisão mediante a leitura, fichamento e documentação dos mesmos. A triagem das obras se deu, primeiramente, pelos seus títulos e resumos, levando à leitura do texto na íntegra, quando este respondeu as expectativas da pesquisa. Os critérios de inclusão foram os artigos que estavam disponíveis gratuitamente, os disponibilizados para leitura na íntegra, os disponíveis em língua portuguesa e os pertinentes ao tema da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conceito de “geração” é definido como:

Conjunto de indivíduos pertencentes a vários grupos de idade, portadores de conteúdo determinado e cujas atividades, anseios e tendências se orientam no sentido de uma síntese, que é a síntese geracional.⁶

Neste contexto, o presente estudo concentrou-se em pesquisar, historicamente, a vida da mulher considerando um período evolutivo linear entre as gerações do século XX, que começou no ano de 1901 e terminou em 2000⁷. Portanto, o parâmetro para inclusão na análise do estudo foi, ao longo de 80 anos (1920 – 2000), relacionar três grupos geracionais diferentes e descrever as transformações características inerentes à figura feminina no decorrer de 3 décadas (primeira e segunda geração) e 2 décadas (terceira geração). Partiu-se da premissa de que as mulheres mais velhas, nascidas em 1901, atingiram sua fase adulta em 1921 e as mais novas, nascidas em 1980, atingiram sua fase adulta em meados de 2000, quando, enfim, termina o século estudado. Para isso, estabeleceu-se a subdivisão de três grupos classificados em:

Tabela 1 - Representatividade em décadas dos três grupos geracionais.

Grupos Geracionais	Décadas que os representam
Primeira	20; 30; 40
Segunda	50; 60; 70
Terceira	80; 90; até o ano 2000

Fonte: Pesquisa de campo.

1. Mulheres do século XX: 1 gênero, várias histórias.

1.1. A mulher da primeira geração (década de 20 a 40):

Tudo se inicia com o reconhecimento da figura feminina na linha do tempo. As mudanças que envolveram e destacaram o papel da mulher ao longo da história, permitiram sua evolução e redesenharam sua

posição frente à sociedade. Ao analisar as interpretações que abrangem a criação humana em gêneses, citada no Antigo Testamento, deparamo-nos com a história de Lilith, popularizada como a primeira mulher a rebelar-se contra a sua condição de inferioridade em relação ao gênero masculino, reclamando perante Deus: “Contudo, eu também fui feita de pó e por isso sou tua igual”. Tendo Deus negado sua independência, a deusa Lilith abandonou o Éden.⁸

A própria religião judaico-cristã estigmatiza Eva como sendo a figura feminina, o símbolo da perdição, culpada pelo pecado original que a concebeu como pecaminosa por ter tentado o homem a comer o fruto proibido, levando-o a ser, junto com ela, expulso do paraíso.⁹

O livro “O segundo sexo”, publicado em 1970, afirmou que, nas antigas criações do mundo, à mulher foi negada a equidade ao homem. Por essa razão, ela era considerada “o outro”, ou seja, o ser diferente, desigual, tornando famosa a frase: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”.¹⁰

Logo, neste modelo patriarcal, a “filha-mulher” desde criança deveria preparar-se para ser esposa e mãe, sendo educada para exercer apenas as obrigações domésticas:

(...) Da mulher-esposa, não se queria ouvir a voz na sala, entre conversas de homem, a não ser pedindo vestido novo, rezando pelos homens; quase nunca aconselhando ou sugerindo o que quer que fosse de menos doméstico, quase nunca metendo-se em assuntos de homem.¹¹

Ademais, a mulher era estigmatizada por sua fragilidade, sendo impedida de frequentar a escola, facilitando a sua posição de

submissão, a princípio o pai e mais tarde o marido.¹² Ao final do século XIX, o Brasil já possuía, mesmo que de forma limitada, mulheres que sabiam ler e escrever. Posteriormente, o surgimento de escolas regidas por religiosos passou a aceitar as moças, que, após terem aprendido as primeiras letras em casa, eram mandadas para o internato, de onde, após anos, saíam prontas para o casamento.¹³

A história da educação brasileira, no início do século XX, retrata poucas universidades no país, encontradas somente nos grandes centros, onde justamente o movimento feminista era mais intenso.¹⁴ Com a progressiva urbanização, aos poucos a mulher integrou-se na sociedade, gerando expressões femininas como Narcisa Amália, Júlia de Almeida e Nísia Floresta, as quais escandalizaram muitas senhoras brasileiras e religiosos. Estes não se conformavam com as atitudes muito à frente de sua época, pois, ao invés de servirem aos seus maridos, frequentavam bailes sem acompanhantes que as vigiassem e usavam calças, como homens.¹⁵

Quanto aos namoros, a rigidez que permeava este tema ainda tinha vestígios do século anterior, quando a virgindade era necessária e garantia um bom casamento:

(...) A virgindade era um requisito fundamental: ela funcionava como um dispositivo para garantir o status da noiva como um objeto de valor econômico e político (...)¹⁶

Os casamentos eram decididos pelos pais, quanto melhor a posição social familiar mais rígida era o cumprimento destas regras.¹⁴ A sexualidade e os assuntos que estivessem atrelados a ela eram considerados proibidos, fazendo com

que as moças vivenciassem estas experiências de forma totalmente leigas do processo que lhes acometia.¹³

Além do mais, estes conceitos iam de encontro aos princípios da igreja católica, que viam a contracepção, por exemplo, como uma tentação ao homem fora do lar, uma vez que permitia que o sexo fosse praticado para outros fins que não a procriação, predispondo a gravidez recorrentemente em pouco tempo, resultando em vários filhos e consequentes abortamentos.²

A industrialização impulsionada pela urbanização desenhou um novo papel feminino que, frente ao pós-guerra e à escassez da mão de obra masculina, foi obrigada a sair de suas casas para trabalhar, gerando renda e alterando, assim, sua postura na sociedade. Contudo, o salário e as condições de trabalho eram bem mais desfavorecidos do que aqueles oferecidos para os homens.¹⁵

Neste sentido, compreende-se que as mulheres desta geração não questionavam por medo, pois eram coibidas, e a sociedade as obrigava a agir conforme moldes preestabelecidos. Portanto, seu futuro seria a busca pela felicidade mascarada por um bom casamento, sendo a rainha de seu lar, pois este era seu único refúgio, sendo a mãe exemplar que não se permitia erros, uma vez que qualquer rebeldia dos filhos recaía sobre seus ombros e esta era a culpada pela educação mal dada.

Enfim, estas mulheres conseguiram evoluir, em meio às falhas da sociedade que, por motivos políticos/econômicos, um dia precisaram delas em seus momentos de fragilidade, permitindo desta forma, mesmo que inconsciente, a progressão feminina das décadas seguintes.

1.2. A Mulher da Segunda Geração (década de 50 a 70):

As mulheres deste grupo viveram sua juventude em meio a arbitrariedades, sendo reprimidas por uma dura organização política (Ditadura Militar de 1964) e defendidas por movimentos revolucionistas que lutavam por sua liberdade.²

Esta geração sofreu com a nova construção de gênero vivenciada pela mulher, viveram as transformações que as levaram de sujeitos passivos a donas de sua história. Em meio a este cenário, não sabiam a quem recorrer para resolver os novos problemas surgidos. Desta forma, viram-se obrigadas a criar suas próprias soluções, construindo, assim, uma imagem de mulher mais independente.¹⁸

Sozinha pela rua, com as mãos na direção do seu auto; sozinha no passeio e no dancing da moda. É a moça de hoje que já não precisa da mãe vigilante, nem da senhora de companhia [...] Nas repartições públicas, no balcão, na fábrica ou nas grandes casas, ela sabe estar sozinha pela vida [...].¹⁹

Enquanto estudantes, estas mulheres viam na educação uma forma de emancipação. A educação, oferecida de forma igual entre os gêneros, era algo esperado e cobrado pelos pais. A juventude delas foi regida ao som do rock'n roll e pelo uso da calça jeans ou minissaias que estampavam o cenário artístico nos cinemas.²⁰ Neste momento, também surgiam as novas tecnologias que tornavam o trabalho doméstico menos árduo. Desta forma, as mulheres tinham mais tempo para cuidar de sua beleza, uma forte particularidade dos anos 50.²¹

Sem dúvida, a maior mudança

explícita para esta geração foi sua ocupação no mercado de trabalho, o que, de certa forma, acabou por mudar muitos outros aspectos do seu papel social. Contudo, para muitas jovens, principalmente as de maior posição social, trabalho era uma ocupação temporária que mais tarde seria cessada pelo casamento ou pelo nascimento do primeiro filho.²¹

Trabalhar significava mais uma questão de sobrevivência do que realização pessoal, pois se a mulher tinha condições de ser sustentada pelo pai ou marido, trabalhar não seria importante. Salienta-se que essa realidade era diferente para as mulheres das camadas mais baixas, que sempre precisaram sair de casa para ajudar sua família. Apesar de ter vivenciado o auge do feminismo, o casamento ainda era visto como indissolúvel, isso porque as mulheres desquitadas eram mal vistas pela sociedade. Logo, estas se viam obrigadas a manter o casamento mesmo que isso lhe fosse prejudicial.²⁰

Assim, pode-se dizer que as mulheres da segunda geração sofreram influências diversas, que oscilavam entre o tradicionalismo machista e as novas concepções liberais, o que estabeleceu um conflito interno e incentivou a forma como a geração seguinte passaria a ser moldada.

1.3. *A Mulher da Terceira Geração (década de 80 a 2000):*

Neste momento da história, ocorria o declínio da Guerra Fria e, no Brasil, o fim da ditadura militar. Logo, as mulheres viveram dois importantes marcos políticos em diferentes décadas: O movimento “Diretas já!”, em 1984, e posteriormente o movimento dos “Caras Pintadas” em 1994.²⁰

As mães destas jovens haviam

conquistado direitos inéditos até então, como: o uso da pílula anticoncepcional, formação universitária e maior participação no mercado de trabalho. Por isto, em muitos momentos, estiveram ausentes no processo de criação de suas filhas, que, conseqüentemente, tornaram-se frutos de novos tipos de relações.²

Com a crescente globalização, as mulheres passaram a ter cada vez mais acesso aos poderes públicos e financeiros, o que permitiu o fortalecimento da presença feminina no mercado de trabalho. Por este motivo, a educação não era mais apenas esperada, assim como exigida e valorizada pelos pais, baseadas em uma formação única e igual para homens e mulheres, sendo o reconhecimento dado não à questão de gênero e sim pelo desempenho individual de cada pessoa.²¹

Muitas mulheres começaram a ser as provedoras de suas famílias, invertendo as relações de gênero. O namoro foi outro fator de grande mudança, na era dos “ficantes”, as filhas falam abertamente sobre seus relacionamentos com os pais e têm maior liberdade para decidir a respeito do casamento e da questão se ter filhos é um ideal ou não em suas vidas.²⁰

Com isso, tornou-se cada vez mais comum as relações não oficializadas, em que os casais podem vivenciar a experiência da convivência antes do casamento na tentativa de não errar em suas escolhas. Nesta conjuntura, a pílula anticoncepcional desencadeou mudanças que revolucionaram as práticas sexuais, para as mulheres da terceira geração, fazer sexo ultrapassa as questões de moralidade, passando a ser também uma questão de bem-estar e prazer.²² Todavia, na maternidade, ainda há necessidade de unir a procriação ao casamento.²¹

Diferentemente das outras gerações, estas mulheres possuem como principal objetivo a sua realização profissional, muitas vezes, excluindo as questões de casamento e filhos. A 'nova' figura feminina passa a desempenhar vários papéis que lhes são impostos ao mesmo tempo, como o de esposa, mãe, profissional, dona de casa etc.²⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o levantamento bibliográfico acerca do tema, percebe-se que, ao longo do tempo, a mulher reconstruiu sua imagem e seu espaço na sociedade, reescrevendo sua história de vida, embora ainda haja um grande caminho a percorrer, que não difere muito do início, no qual permeiam lutas, enfrentamentos, preconceitos a serem vencidos, entre outros. Contudo, os passos alcançados e as metas a serem almeçadas renovam o ânimo e a coragem dessas mulheres, estejam elas nos espaços sociais ou no meio familiar.

A análise da primeira geração desenhou um perfil feminino passivo, pois, nesse momento da história à mulher não era permitida a liberdade de expressão, o que contribuía para que estas fossem pessoas de pouca

atitude. A mulher da segunda geração faz parte daquelas que mais sofreram com a influência dos movimentos feministas. Este fato ocasionou conflitos entre gêneros, que se viam divididos entre o tradicional e o moderno perfil feminino. A terceira e última geração apresentada traz o perfil de mulheres com ideias bem definidas, que, embora ainda tenham dúvidas quanto ao que querem, sabem muito bem o que não querem para si, caracterizando assim a sua necessidade de autonomia e liberdade.

Esta ligação entre as características na construção da identidade feminina, pertencentes a gerações distintas, permitiu relacionar perfis que vão do comum ao extremamente incomum entre as mulheres dos grupos aqui apresentados. Desta forma, à guisa de conclusão, podemos afirmar que as fontes estão aí, claras e comprovadas. Apesar de ser um tema bem debatido, sabemos que muito ainda se deve ser (re)avaliado, fatos que precisam novamente serem revistos e muitos outros para serem vistos pela primeira vez. Desta forma, esperamos que, diante das inovações que surgem, novos estudos sejam desenvolvidos e contemplados.

THE SACRED FEMININE: STORIES OF STRUGGLE AND GRIEF

ABSTRACT

During the last two centuries, women have fought for their right to equality. Every struggle to find his place in society marks the sight of the woman figure in the historical evolution, which became impactful and caused the current advances. The objective from this study to investigate women's progress through the historical profile of the woman and three different generations and describing their inclusion and recognition as a citizen worthy of respect and social relief. Anchors itself methodologically as a research literature review type articles for this and other scientific publications (theses and dissertations) in the electronic database of the Virtual Health Library (VHL), and Lilacs SCIELO were selected using the following descriptors: gender, women, feminism and women's rights, present in studies as having conductive axis analysis of women's life and their function in different periods

and sectors in society. The results and discussions, we identified the object of study as: "Women of the twentieth century: Brief historical review" in three samples: The Woman of the first generation (decade 20 to 40); Woman of the Second Generation (decade 50 to 70) and Woman of the Third Generation (decade 80 to 2000), reporting on their position in the family context, the form of directed their education, relationships, work and the changing reproductive and sexual politics that were essential for it to pass to be seen and treated under a new look, also referencing the thinking of scholars on women, their role and influence in their midst, the feminist movement and the struggle for their rights. Thus, we consider that the link between the features in the construction of female identity belonging to different generations allowed to relate profiles ranging from common to extremely rare, yet even there much disparity between genders after this research, realized are important advances on this thread.

Key-words: Women's Rights. Gender relations. Feminism. Intergenerational Relations.

REFERÊNCIAS

1. Ávila MB, Corrêa S. O movimento de saúde e direitos reprodutivos no Brasil: revisitando percursos. In: Galvão L, Diaz J. Saúde Sexual e Reprodutiva no Brasil Dilemas e Desafios. São Paulo; 1999.
2. Alttiman CN, Costa SG. Revolução feminina: as conquistas da mulher no século XX. São Paulo: Faculdade Eça de Queirós Jandira; 2009.
3. Badinter E. Palavras de homens (1970-1973). Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1991.
4. Oliveira AC. Gênero, saúde reprodutiva e trabalho: formas subjetivas de viver e resistir às condições de trabalho. Ministério da Saúde. Escola Nacional de Saúde Pública. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz; 2001.
5. Cervo AL, Bervian PA, Silva R. Metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall 2006.
6. Cretella Sobrinho P, Strenger J. Sociologia das gerações. São Paulo: Martins; 1952.
7. Judt T. Reflexões sobre um século esquecido. 1901 – 2000 (trad.). Rio de Janeiro; 2011.
8. Nospheratt. Série Deusas: Lilith, a Deusa Escura (2009). [acesso em: 18 out. 2011] Disponível em: <http://deusario.com/2009/03/serie-deusas-lilith-a-deusa-escura.htm>.
9. Guimarães, SF. Efésios 5.21-33 como modelo de discurso de gênero. Trabalho de Conclusão [Mestrado em Teologia]. Programa de Pós-Graduação. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia; 2011. [acesso em: 18 out. 2011] Disponível em:

http://tede.est.edu.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2011-10-10T140035Z-302/Publico/Guimaraes_sf_tmp172.pdf.

10. Beauvoir S. O Segundo sexo. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro; 1970.
11. Freyre G. Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio- INL; 1977.
12. Iwanowicz B, et al. A imagem e a consciência do corpo. In: Bruhns H, organizadora. Conversando sobre o corpo. 5. ed. Campinas: Papirus; 1994.
13. Martins APV. A medicina da mulher: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia no século XX. Tese [Doutorado] Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2005. [acesso em: 24 nov. 2011] Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v21n2/39.pdf>.
14. Almeida JRP. Instrução pública no Brasil (1500-1889): história e legislação. São Paulo: EDUC; 2000.
15. Lauretis TA. Tecnologia do gênero. In: Holanda EB, organizador. Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco; 1994.
16. D'Incão MA, organizador. Amor e família no Brasil. São Paulo: Contexto; 1989.
17. Rago M. Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1991.
18. Thébaud F. Introdução. In: Duby G, Perrot M. História das mulheres no ocidente - 5: o século XX. Porto (Portugal): Afrontamento. São Paulo: EBRADIL; 1991.
19. Novais FA, Sevcenko N. História da vida privada no Brasil: v. III. São Paulo: Companhia das Letras; 1998.
20. Mestre MBA. Mulheres do século XX: memórias de trajetórias de vida, suas representações (1936-2000). Tese [Doutorado] Curitiba: Universidade Estadual de Campinas; 2004. [acesso em: 12 dez. 2011] Disponível em: http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/2290/marilsa_final.pdf?sequence=1.
21. Chanine N, Jazdzewski C. Beleza do século. São Paulo: Cosac & Naif Edições; 2000.
22. Priore MD. O corpo feminino e o amor. In: D'Incao MA, organizadora. Amor e família no Brasil. São Paulo: Contexto; 1989.

Recebido em: 09.07.13 Aceito em: 28.02.14
--